

UM DIÁLOGO ENTRE I. BERLIN E B. F. SKINNER A RESPEITO DO CONCEITO DE LIBERDADE

William Fernando De Paula (PIC/Uem), Carolina Laurenti (Orientadora), e-mail: williamfdepaula@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Psicologia (7070001) – Fundamentos e medidas da psicologia (70701008)

Palavras-chave: Liberdade, Berlin, Skinner.

Resumo:

O behaviorismo radical defende a tese que todo comportamento humano é controlado. Por essa razão, essa filosofia é recorrentemente acusada de negar a liberdade humana. Entretanto, a filosofia desenvolvida por Skinner não pretende acabar com a liberdade do ser humano e transformá-lo em uma máquina. Para esclarecer o conceito de liberdade proposto pelo behaviorismo radical de modo conciliatório com a tese do controle do comportamento, buscou-se estabelecer um diálogo entre B. F. Skinner e Isaiah Berlin, sendo este último escolhido como representante da visão tradicional de liberdade individual, no âmbito deste trabalho. O objetivo foi, então, discutir as relações entre Berlin e Skinner a respeito do conceito de liberdade. Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três etapas: (1) identificação da noção de liberdade individual para Berlin; (2) caracterização do conceito de liberdade para Skinner; (3) confronto das interpretações construídas nas etapas anteriores. Com base nas análises feitas, foi possível concluir que o behaviorismo radical não nega a liberdade humana, como é frequentemente acusado de fazer. Skinner rompe com a noção de Eu-iniciador e com a prática tradicional de discutir a liberdade em termos de sentimentos, desse modo, sua análise é voltada para as contingências de reforçamento e consequências imediatas e futuras do comportamento, as quais são responsáveis por circunscrever as possibilidades de escolha dos indivíduos. O behaviorismo radical vai além da liberdade e, com isso, demonstrou ser capaz de contribuir para ampliação da liberdade individual, no seu sentido negativo e positivo.

Introdução

Algumas das teses dispostas pelo behaviorismo radical são encaradas com resistência, em particular, a afirmação de que todo comportamento humano é produto de relações de controle. Essa afirmação é entendida pela literatura da liberdade como uma ameaça aos “valores” do ser humano, com potencial para esvaziá-lo daquilo que o tornaria um ser único, apartado da natureza. Skinner (2002) buscou explicar o conceito de liberdade de uma perspectiva behaviorista radical, porém, seus esforços para fazê-lo parecem não ter sido suficientes para superar a noção tradicional de liberdade. A tese de que todo comportamento humano é

controlado ainda é considerada como antagônica ao sentimento de liberdade, que supostamente surgiria na ausência de controle. Entretanto, uma leitura sistemática dos trabalhos de Skinner demonstra que o behaviorismo radical não rejeita o conceito de liberdade individual. Skinner (2002), inclusive, reconhece o papel fundamental exercido pela literatura da liberdade no transcorrer da história, admitindo que ela foi responsável por instigar os indivíduos a resistir ao controle aversivo. Portanto, para esclarecer o conceito de liberdade de acordo com a perspectiva behaviorista radical faz-se necessário um movimento de “saída” dessa filosofia e análise de autores tradicionais, para se construir um referencial com que o behaviorismo radical possa ser comparado, no intuito de evitar equívocos na interpretação da obra skinneriana.

Isaiah Berlin (1909-1997) foi escolhido como representante da “literatura da liberdade” na construção desse referencial. Em seus ensaios sobre a liberdade individual, Berlin (1981) discute os dois principais sentidos políticos da liberdade, denominados por ele de *liberdade negativa* e *liberdade positiva*. Esses sentidos da liberdade individual não esgotam todas as concepções do conceito de liberdade presentes na literatura sobre esse tema, mas eles estão estreitamente relacionados às questões centrais da política, como é o caso da obediência e da coerção. Por conseguinte, a discussão do sentido negativo e positivo de liberdade individual leva em conta o bem de todos no convívio social. A adoção de Berlin como um parâmetro de comparação para as teses skinnerianas busca construir uma nova perspectiva, da qual o conceito de liberdade proposto por Skinner possa ser analisado. Considerando esse panorama, o objetivo desta pesquisa foi estabelecer relações entre I. Berlin e B. F. Skinner a respeito do conceito de liberdade e evidenciar se o conceito de liberdade proposto pelo behaviorismo radical expande, em algum sentido, a análise histórica de liberdade individual apresentada por I. Berlin.

Materiais e métodos

A pesquisa desenvolvida foi de natureza conceitual e dividida em três etapas. Na primeira, foi examinada a noção de liberdade individual apresentada por Berlin (1981) em seus ensaios. Para tanto, foi realizada a análise da Introdução e do ensaio “Dois conceitos de liberdade” do livro “Quatro ensaios sobre a liberdade” (1981). Os ensaios de Berlin foram analisados de acordo com o Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT) (LAURENTI; LOPES, 2016). Já na segunda etapa, o objetivo foi descrever o conceito skinneriano de liberdade. Para alcançar tal objetivo, foi feita uma análise do capítulo *Freedom* com o auxílio do PICT e um fichamento do capítulo *Values*, ambos do livro *Beyond Freedom and Dignity* (2002), no qual Skinner apresenta a noção de liberdade para o behaviorismo de modo específico. Por fim, na terceira e última etapa, foi realizada uma comparação das análises elaboradas nas etapas 1 e 2, buscando a identificação dos pontos de aproximação e distanciamento entre o conceito de liberdade proposto por Berlin (1981) e o conceito de liberdade desenvolvido pela filosofia behaviorista radical.

Como já foi mencionado, os textos selecionados para elaboração das etapas 1 e 2 foram analisados conforme o PICT, que consiste em “uma maneira de construir interpretações e, portanto, produzir material pertinente ao desenvolvimento de

pesquisas de natureza conceitual” (LAURENTI; LOPES, 2016, p. 55). Esse procedimento é constituído por quatro etapas. A primeira é a identificação, com base em uma análise do texto, dos principais conceitos apresentados e na busca das definições desses conceitos no próprio texto que está sendo analisado. Na segunda etapa do PICT é feita a caracterização das teses do texto, na qual são feitas transcrições das teses tradicionais (afirmações feitas por outros autores que são discutidas ou criticadas pelo autor do texto), das críticas (são os problemas levantados pelo autor com relação às teses tradicionais) e das teses alternativas (são as alternativas propostas pelo autor para os problemas levantados). A terceira etapa do procedimento é a elaboração de esquemas; por meio de figuras e diagramas são elaboradas representações das relações entre as teses tradicionais, críticas e teses alternativas identificadas no texto. Finalmente, na quarta etapa, é produzido uma síntese que contempla as relações conceituais descritas nas etapas anteriores (LAURENTI; LOPES, 2016).

Resultados e Discussão

Berlin (1981) acredita que a liberdade negativa e a liberdade positiva são os dois principais sentidos políticos da liberdade individual. A liberdade negativa é definida como uma área de atuação do indivíduo na qual não há interferências externas de outrem. Já a liberdade positiva é entendida como a possibilidade de se fazer as próprias escolhas com autonomia. O objetivo de cada sentido político da liberdade individual é fundamental para esclarecer a distinção que existe entre esses conceitos. Com a defesa da sua liberdade negativa, o indivíduo busca desfrutar de uma área livre para agir, conforme os seus desejos. Nesse caso, não é necessário que o indivíduo tenha controle sobre as possibilidades de escolha que lhe são dispostas, apenas que, ao escolher agir de acordo com uma dessas possibilidades, sua ação não seja coagida por outros indivíduos. Já com respeito à liberdade positiva, o sujeito almeja se autogovernar, definindo quais ações lhe são exequíveis. Na teoria skinneriana, a liberdade negativa deixa de ser entendida como uma área de não-interferência, uma vez que para behaviorismo radical as relações de influência (controle ou interferência) estão sempre presentes. Nesse sentido, toda ação individual é influenciada, de alguma maneira, por outrem. No entanto, isso não significa que a noção de liberdade não possa ser redefinida em termos de controle. Dessa perspectiva, a liberdade negativa é entendida como um sentimento que surge em contingências de reforçamento positivo que não apresentam medidas aversivas de controle em nenhum momento, imediato ou futuro. Ou seja, a liberdade negativa, para o behaviorismo radical, não é a ausência de controle como sugere Berlin e os demais autores tradicionais; ela é a ausência de uma relação específica de controle, o controle coercitivo. Do mesmo modo, a liberdade positiva também é entendida como um sentimento, isto é, um subproduto das contingências de reforçamento. Mas esse sentimento está atrelado a consequências reforçadoras produzidas por comportamentos de autoconhecimento e especialmente de autocontrole. É o próprio indivíduo que identifica (autoconhecimento) e manipula (autocontrole) as variáveis controladoras de seu comportamento de modo a aumentar as chances de produzir consequências reforçadoras positivas.

Ao comparar as teses de Berlin a respeito desses sentidos capitais da liberdade individual com a visão skinneriana é possível argumentar que Skinner (2002) não nega nenhum deles. Pelo contrário, o behaviorismo radical se mostra capaz de contribuir para preservação e ampliação tanto da liberdade positiva quanto da liberdade negativa dos indivíduos. Para tanto, o ser humano precisa se dedicar à análise das contingências de reforçamento que controlam o comportamento humano e dão origem ao sentimento de liberdade. Tal análise oferece a possibilidade de identificar prováveis consequências imediatas e futuras do comportamento humano e, com isso, subsidiar a escolha de ações em uma determinada direção. Dessa forma, o caminho proposto pelo behaviorismo radical parece ser capaz de identificar, com maior destreza, se o sentimento produzido pelas contingências de reforçamento em diferentes ocasiões pode ou não ser descrito como liberdade. A identificação de consequências aversivas adiadas possibilita ao indivíduo a opção de agir pela preservação de sua liberdade negativa, tanto no presente quanto no futuro, e a identificação de consequências positivas remotas justifica o emprego de reforçadores condicionados no presente para manutenção de comportamentos que venham produzi-las. Ao ter conhecimento dessas consequências e escolher se submeter às relações de controle que as mantêm, o indivíduo preserva também a sua liberdade positiva.

Conclusões

Skinner (2002) não se propõe a analisar o sentimento de liberdade por si só, descolado das contingências que o originam e lhe conferem significado. O referencial behaviorista radical abre a possibilidade para que o sentimento de liberdade seja entendido como um efeito colateral das contingências de reforçamento (SKINNER, 2002). Assim, sua análise da liberdade não se limita ao exame da descrição de como as pessoas se sentem ou do que é se sentir livre, como se faz tradicionalmente, mas vai além dessa dimensão, analisando o funcionamento das contingências de reforçamento, que dão origem a esse sentimento. O diálogo entre Berlin e Skinner mostra como o behaviorismo radical expande as discussões sobre a liberdade individual, rompendo com a prática tradicional de discutir esse conceito em termos de sentimentos e estados mentais.

Referências

BERLIN, I. **Quatro ensaios sobre a liberdade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In: ARAUJO, S. F.; LAURENTI, C.; LOPES, C. E. (Orgs.). **Pesquisa teórica em psicologia**: aspectos filosóficos e metodológicos. 1. ed. São Paulo: Hoegrefe, 2016.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Indianapolis: Hackett, 2002.